

Homo(lesbo)erotismo e literatura, no Ocidente e em Portugal: Safo e Judith Teixeira

FABIO MARIO DA SILVA

Universidade de Évora/FCT

ANA LUÍSA VILELA

Universidade de Évora



Resumo: É na Grécia, no século VII a.C., que surge uma mulher-escritora pioneira, Safo (a “mãe” da poesia feminina), inscrevendo o seu discurso poético-amoroso dirigido a outras mulheres. Passados muitos séculos, é só no começo do século XX que surgirá em Portugal outra escritora, Judith Teixeira, que tentará ultrapassar o conservadorismo nacional, cultivando uma linguagem “sáfica” e rompendo assim os paradigmas impostos à literatura de autoria feminina em Portugal. O nosso objetivo é analisar como ambas essas poéticas, de séculos tão distantes, representam o amor feminino (heterossexual e homossexual), num diálogo greco-lusitano. Para tal, faremos ainda algumas considerações em torno do discurso sobre a história da homossexualidade (focando o lesbianismo) na Europa, revisitando noções herdadas da perspectiva masculina.

Palavras-chave: Judith Teixeira; Safo; Discurso amoroso

Abstract: It is in Greece, in the 7th Century BC that a Pioneer woman-writer, Sappho (the ‘mother’ of the feminine poetry), is writing a poetical and discourse of love directed towards other women. After many centuries, it will be in the beginning of the 20th century that, in Portugal, another writer will appear, Judith Teixeira, who will try to surpass the national conservatism, creating a ‘Sapphic’ language and thus breaking with the paradigms imposed on the literature of female authorship in Portugal. Our objective is to analyse how both poetics, from such distant centuries, represent female love (heterosexual and homosexual), in a Grecian-Lusitanian dialogue. In that sense, we will also make some comments around the discourse about the history of the homosexuality (focusing lesbianism) in Europe, revisiting the notions inherited by the masculine perspective.

Keywords: Judith Teixeira; Sappho; Discourse of love

1 Homossexualidade, Lesbianismo e Safo: origens europeias

Aceitando, com E. Curtius, que “La littérature européenne a la même durée que la civilisation européenne, soit vingt-six siècles environ (d’Homère à Goethe)”. (1948, p. 44), aceitaremos também que os textos fundadores da literatura na Europa remontam ao período greco-romano, em que a função pedagógica do texto literário é uma ferramenta de difusão da cultura. Desse modo, a primeira parte deste estudo será dedicada justamente a uma síntese da evolução histórica do fenómeno cultural da homo(lesbo)sexualidade, do contexto greco-romano à matriz judaico-cristã. Numa segunda parte, centrar-nos-emos no contexto histórico-cultural português e na figura da autora Judith Teixeira. Na terceira e última parte, tentaremos proceder a

uma aproximação entre a poetisa grega Safo e esta autora do início do século XX português.

Assim, será imprescindível, neste trabalho, começar justamente por referir a figura da poetisa Safo, que, juntamente com o seu compatriota e contemporâneo Alceu, inovou a poesia lírica dita eólica (centrada na tradição religiosa e cívica), inculcando-lhe a expressão dos seus sentimentos pessoais. Lembremos que Safo viveu no século VII a.C., quase sempre em Mitilene (ilha de Lesbos). Filha de Scamandrónimo e Cleis, era esposa de Kerkolos (Kerkilos?), um homem rico, da ilha de Andros (Cíclade), tendo uma filha chamada Cleis. Sua poesia, de cariz lesbo(homo)erótico, ultrapassou as barreiras do seu tempo, vindo sobretudo a escandalizar a sociedade medieval, que queimou a maioria de suas obras, restando-nos dela apenas fragmentos e poemas esparsos.

Parece-nos que, na própria Grécia dos séculos seguintes àquele em que Safo viveu, e apesar da conhecida tolerância grega em relação à homossexualidade¹ masculina, não seria esta poesia do agrado geral. Pelo menos, é o que nos diz um papiro anônimo de Oxirrinco: “Ela era criticada por alguns por ter caído na imoralidade e por se ter enamorado de mulheres” (apud MOSSÉ, 1998, p. 52). Segundo Mossé isso aconteceria porque na Atenas dos séculos V e VI tais práticas tinham deixado de ser consideradas naturais (1998, p. 53). É preciso entendermos que o contato de Safo com outras mulheres se dava através de duas dinâmicas: festas em honra de divindades, tornando possível o encontro entre mulheres casadas e solteiras, que formavam um coro (corpo de bailado); e uma tradição própria da ilha de Lesbos, com várias escolas de música e poesia, atraindo jovens viajantes à ilha. A relação de Safo com suas alunas mais moças parece ser baseada nos princípios da pederastia; deve ser por isso que, algumas vezes, quando suas alunas se preparavam para deixar sua mestra e se casarem, Safo lhes dedicava versos de amor. Há outras narrativas envolvendo Safo. A primeira é contada pelo poeta Menandro (século IV a.C.), ao afirmar que a poetisa nutria um amor não correspondido por um homem chamado Faón, que a teria conduzido ao suicídio, atirando-se ao mar. Também, segundo outros relatos, a poetisa ter-se-ia envolvido em questões políticas e que por isso se teria exilado na Sicília, no século VI a.C. Todos estes relatos descrevem Safo como uma personagem multifacetada e revelam que sua vida servira de inspiração ficcional, criando assim o mito de uma “musa”. É exatamente como a décima musa que Aristóteles a considera.

Como avança Maurice Sartre, seria forçoso considerar a Grécia antiga² como um paraíso gay, porque a forma banal como era tratado tal tema tem levado os historiadores a interrogar-se sobre se a prática homossexual seria considerada uma perversão consentida, uma instituição pedagógica ou até mesmo um ritual iniciático, acreditando que

os gregos não se preocupavam com a formulação de um juízo sobre a homossexualidade, como tal o elogio ou a reprovação a ela ligadas, segundo as circunstâncias, visa os indivíduos, não a prática. Além disso, a homossexualidade é um dado banal das relações sociais. (1998, p. 60)

Sartre ainda faz uma ressalva quando salienta que a homossexualidade, tal como a heterossexualidade, era punida quando atingia a violência, sendo as penas iguais tanto para homens como para mulheres, fixadas tendo em conta o estatuto social do indivíduo. Ou seja, o cidadão era obrigado a respeitar as condutas e regras impostas à consumação do ato sexual,³ independentemente de

sua orientação. Simplificando, o autor ainda atribui três diferentes estatutos à homossexualidade na Grécia antiga: i) em algumas cidades como Creta, a homossexualidade – ou sua variante pederástica⁴ – era reconhecida como prática necessária, regida por lei, como rito cívico de passagem dos jovens; ii) em Atenas, verifica-se que a pederastia gozava de um estatuto social favorável, sem chegar a ser um objeto de codificação legal, mas aproximando-se do modelo cretense; iii) o homossexual adulto, em praticamente todas as cidades gregas, se tivesse uma postura passiva, sobretudo quando se prostituía, era alvo de reprovação e condenação pela lei, principalmente se gozasse do estatuto de cidadão (1998, p. 64).

Ou seja, notamos que a “feminilização” do homem, manifestando a sua passividade em público, bem como o ato da prostituição (historicamente ligada às mulheres), subverte os princípios culturais gregos. Isto indica-nos claramente o menosprezo pela representação feminina. Fica clara a ideia de desprestígio que era concedida ao feminino, já que para os gregos o ritual místico de passagem e os ciclos da vida do cidadão que mantinha relações homossexuais não colidiam com a instituição

¹ Na sua origem grega o prefixo *homo* significa igual e a sua raiz latina, *sexus*, significa sexo; porém, na origem latina do termo entende-se por homem, tendo assim o vocábulo homossexual e homossexualidade o sentido de “sexo entre os homens”. Desta forma, haveria uma exclusão das mulheres, se considerarmos a origem do corpo semântico latino em detrimento do grego. Por isso, Stéphanie Figueira afirma, na sua dissertação de mestrado apresentada à Universidade Católica Portuguesa (Viseu), que por causa destas interpretações muitas mulheres do movimento homossexual vêm reivindicar a denominação de lésbicas: “As lésbicas parecem dar ênfase à necessidade de as mulheres homossexuais se organizarem de forma autónoma, enquanto agrupamento identitário que reivindica na esfera pública o reconhecimento de sua humanidade intrínseca e de seus direitos de cidadania, ainda que sempre valorizando as possíveis relações de aliança com os movimentos feminista e gays.” (2004, p. 27)

² Em outras sociedades antigas a homossexualidade não se desenvolveu tanto como na Grécia e em Roma. Observa Clara Pinto, ao analisar a realidade homossexual no Egito Antigo, que o objectivo da sexualidade nessa sociedade era a procriação e a descendência, destacando o importante contributo da mulher nesta organização, e pouco se podendo concluir sobre o tema da homossexualidade. (cf. 2007, p. 98). As mulheres gozavam de pleno prestígio no exercício de duas funções: senhoras da casa, durante o dia, e senhoras do amor, durante a noite; eram veneradas como imagens da deusa Ísis.

³ Na Grécia antiga o amor entre os homens não era apenas permitido pelas leis mas era tolerado pela opinião pública e cantado na literatura, com algumas ressalvas. As relações sexuais entre um homem e um jovem eram codificadas por convenções, regras e comportamentos, sendo repudiadas algumas práticas: “desprezo pelos jovens demasiado fáceis, ou demasiado interessados, desqualificação dos homens efeminados.” (Foucault, 1994, p. 215)

⁴ É preciso esclarecer que muitas vezes confundem-se a pedofilia (ato sexual adulto com menores de idade) com a pederastia. Acredita-se que a origem da pederastia ocorreu quando, ainda na Atenas pré-helénica, não existiam instituições públicas de educação; os jovens então escolhiam livremente, segundo os que mais lhes agradavam, homens mais velhos para os ensinarem, sem lhes pagarem qualquer honorário. Por isso, ocorrendo alguns casos homossexuais neste contato, a sociedade grega começou a aceitar naturalmente tal troca, porque seria apenas um ritual de “passagem”. O que se condenava era o ato sexual compulsivo, a prostituição, a feminização do cidadão, ou sua passividade sexual perante um escravo.

familiar nem com a descendência, mantendo intacta a moralidade cívica. Imitar as mulheres ou se prostituir tornaria, isso sim, o cidadão inapto para o exercício de cargos públicos ou quaisquer postos nos quais pudesse ter voz: “Tendo em consideração tal infâmia, aquele que traficou o seu corpo venderá igualmente, sem hesitar, os interesses da cidade” (SARTRE, 1998, p. 71).

O mesmo acontecia também na Roma antiga,⁵ onde era considerado desvio grave um cidadão ter prazer de modo servilmente passivo (principalmente diante dum escravo). Também em Roma a inversão do papel ativo do homem projeta estigmas de perda de poder e desprestígio. Paul Veyne refere que, para Platão, a homossexualidade do pederasta não se revestia de um caráter de monstruosidade, mas de libertinagem, sendo próprio de alguém que se move pelo instituto universal do prazer. Veyne também acrescenta que a passividade masculina detinha um sentido profundo na cultura romana: “O indivíduo passivo não era mole devido ao seu desvio sexual, pelo contrário: a sua passividade não era mais do que uma das consequências da sua falta de virilidade e tal falta permanecia como um vício capital, mesmo na ausência de qualquer homofilia” (1998, p. 82). Ou seja, o importante era a prevalência do papel ativo masculino, independentemente de ser heterossexual ou homossexual, porque a homofilia em Roma seria considerada apenas uma das possibilidades da sexualidade humana. Sob Constantino I, o cristianismo se torna a religião oficial do estado romano. Por influência religiosa, o Imperador Justiniano promulga depois as primeiras leis repressivas, em 533 d.C., estabelecendo que as relações entre iguais biológicos passariam a ser consideradas crime: a fogueira seria o castigo.

Na tradição judaico-cristã, o tema do homossexualismo está ligado aos mistérios de Sodoma e Gomorra, localizadas na região do Mar Morto. Segundo a Bíblia, nessas cidades reinava tal concupiscência que Deus as destruiu com uma chuva de fogo e enxofre. No capítulo 18 do Gênesis é relatada a história do homem justo, Ló, residente em Sodoma e poupado por Deus aquando dessa destruição. Na mesma passagem bíblica⁶ ficamos com dúvidas sobre qual seria o comportamento imoral condenado por Deus, já que o texto não apresenta detalhes. O indício que é atribuído historicamente ao pecado de Sodoma seria a homossexualidade: quando os anjos foram visitar Ló, homens da cidade queriam manter relações sexuais com eles. Por isso, todas as formas sexuais fora dos “padrões cristãos” eram chamadas “sodomia”. Em outras passagens a Bíblia condena a homossexualidade, como em Levítico, capítulos 18(22): “Não se deite com um homem, como se fosse uma mulher: é uma abominação”; e 20(13) “Se um homem dormir com outro homem, como se fosse mulher, ambos cometerão ‘toevah’”. O interessante é perceber

que a Bíblia quase nunca refere o ato sexual lésbico⁷ e, quando o faz, apresenta-o como correspondente aos atos e pecados do homem.⁸

Por seu turno, Romeo Cavedo faz uma outra interpretação desses escritos bíblicos: “A única coisa que parece inquestionável é a seguinte: permanece como verdade que todo o exercício da sexualidade fora do matrimónio é ilícito, quer se trate de práticas homossexuais quer de práticas heterossexuais. A Bíblia, correctamente interpretada, não leva a ver a homossexualidade uma perversidade acrescida” (apud PRADA, 2008, p. 26).⁹

Um outro ponto abordado pelo discurso oficial religioso centra-se na problemática da não procriação familiar. Diz G. Bataille que a característica da homossexualidade está ligada à inutilidade: o “Eu” isolado, sem interação com o Outro (reprodutor), gera uma “descontinuidade individual”, pondo em causa a existência da vida e a possibilidade de dois seres (fêmea e macho) se abrirem à continuidade. Na estagnação da linhagem de uma descendência, principalmente no caso de famílias com destaque social, o homossexualismo causaria um maior

⁵ Em Roma a visibilidade homossexual desenvolveu-se a partir da conquista da Grécia, tornando-se comum e entrando nos costumes; as famílias de elevada classe adotaram-na, dando aos seus filhos, na fase da puberdade, escravos, também chamados de “concubins” ou “internucubus”, para lhes satisfazerem os seus caprichos sexuais.

⁶ Outras passagens bíblicas relativas à homossexualidade: 1º Timóteo 1 (9-10), citando o pederasta; 1.º Coríntios 6 (9-10), citando os “efeminados” e os “sodomitas”.

⁷ A homossexualidade feminina também está ligada ao termo “sodomia”, mas é só no século XIX que se assiste à criação do termo ‘lésbica’, para expressar a ‘anormalidade’ do envolvimento amoroso de duas mulheres. Lembremos que as relações lésbicas, nas comunidades monásticas, não acarretavam, nos primeiros séculos da era cristã, uma particular condenação. O ato sexual lésbico foi condenado e perseguido com mais força no século XVIII, sendo a alemã Catharina Link a última mulher europeia a ser morta em praça pública, em 1721, por causa do seu lesbianismo.

⁸ Assim relata a carta de São Paulo aos Romanos: “Eles trocaram a verdade de Deus pela mentira, e adoraram e serviram a criatura no lugar do Criador, que é bendito para sempre. Amém. Por isso, Deus entregou os homens a paixões vergonhosas: suas mulheres mudaram a relação natural em relação contra a natureza. Os homens fizeram o mesmo: deixaram a relação natural com a mulher e arderam em paixão uns com os outros.” (Romanos, 1 (25-28). Esta passagem nem demonstra o quanto, na exegese cristã, a noção de pecado está intimamente ligada ao homossexualismo. Outra conclusão que podemos retirar é a de um certo silêncio em relação ao ato lésbico, remetido a uma quase invisibilidade.

⁹ É o que conclui também o padre jesuíta Luís Corrêa Lima ao aludir à passagem narrada em Mateus 19:12, na qual Jesus Cristo diz “que há eunucos de nascença, eunucos feitos pelos homens e eunucos que assim se fizeram pelo Reino dos Céus”. O padre pesquisador afirma que a frase dita por Jesus terá um sentido literal e um sentido não literal: No caso de eunucos feitos pelos homens, trata-se de castração. No caso de eunucos pelo Reino dos Céus, trata-se do próprio Jesus e dos que renunciaram ao casamento para se dedicarem inteiramente à obra de Deus. Não há propriamente castração. E quem são os “eunucos de nascença”? Para os primeiros leitores do Evangelho, talvez fossem pessoas com um defeito físico que impossibilita o casamento. Mas para nós, hoje, é indispensável considerar aqueles que por natureza, em razão de sua libido, não se destinam ao casamento tradicional. São os gays. Eles têm seu lugar no plano divino. E também devem tê-lo na sociedade e na Igreja. (in: http://amaivos.uol.com.br/amaivos09/noticia/noticia.asp?cod_canal=41&cod_noticia, acesso em abril de 2011)

impacto. Na Idade Média, a homossexualidade lésbica esteve quase sempre no mesmo patamar da bruxaria:

A feiticeira é uma mulher de sexualidade desenfreada que, ao atacar as propriedades genitais do homem e ao acasalar com demônios, se opõe às leis naturais da procriação. O homossexual subverte a ordem da reprodução ao acasalar com outro homem e ao desperdiçar o seu esperma. (SALLMANN, 1990, p. 527)

2 Lesbianismo/homossexualismo em Portugal: Judith Teixeira e as letras portuguesas

Em 1926, Asdrúbal António D'Aguiar,¹⁰ chefe do Instituto de Medicina Legal de Lisboa, designa o ato homossexual como “prazeres anormais” (1926, p. 31), referindo que o vocábulo “lesbismo” ou “lesbianismo”, engloba, em geral, todas as variedades da homossexualidade feminina, compreendendo, entre outros o “Safismo”. Segundo o autor, as “sáficas” seriam favoráveis ao amor “anti-físico” sobretudo pelas dificuldades encontradas nos amores com homens – seriam lésbicas por vício ou ocasião (p.32). O pesquisador verifica que, apesar da Inquisição e a competente perseguição, tanto na Idade Média, como na Idade Moderna¹¹ (século XV), a homossexualidade crescia na Europa, desde escravos e plebeus, a fidalgos, eclesiásticos e príncipes. Tais práticas eram tão frequentes que um texto medieval do Papa Alexandre III,¹² em 1177, chega a dizer que “a antiga Sodoma renasce das suas cinzas” (apud D'AGUIAR, 1926, p.131). Perseguições, prisões, práticas de torturas e assassinatos em praça pública foram frequentes nesta época. Nota-se, através de documentos, que a Alemanha e a França eram os países onde se reportavam mais frequentemente as práticas homossexuais entre mulheres. No caso português, as práticas sexuais lésbicas fazem se sobretudo notar entre as freiras, como relataram alguns bispos e arcebispos, entre os séculos XVI e XVIII; o , tão recorrente lesbianismo freirático mereceria uma “adequada penitência” (p.183).¹³

Porém, mesmo no século XX, a partir de 1837, o Código Penal Português, sob a influência das ordenações filipinas, trata a ainda a “sodomia” como crime imoral e atentado ao pudor, punindo-o com multas e com o degredo. É só em 1852¹⁴ que se exclui a confiscação de bens, equiparando a homossexualidade a todas outras formas de conduta imoral do cidadão. Porém, será apenas de Junho de 1912 a lei que distingue as práticas homossexuais masculina e feminina,¹⁵ sendo agora condenado à prisão correccional de um ano e meio quem praticasse tais “vícios contra a natureza” (cf. D'AGUIAR, p. 291). Permanece, durante o Estado Novo, a ideia de crime de acordo com a lei de 1912, equiparando tal ato à prostituição e ao proxenetismo.

É importante referirmos que, mesmo em 1998, num relatório elaborado pela Amnistia Internacional, se constata que a homossexualidade masculina é proibida por lei em 83 países, enquanto o ato lésbico é legalmente proibido em apenas 41. Qual será, então, o motivo desta diferença, acentuando a “invisibilidade” do ato lésbico? Será porque a prática homossexual feminina é mais tolerada? Uma das possíveis respostas é que para o universo da dominação masculina tal prática seria fantasiosa e despertaria a libido.¹⁶ Porém, José Rafael Prada vem trazer um argumento que pode justificar uma maior permissividade social à homossexualidade feminina: o ato lésbico não esbarra, como o homo, na questão da reprodução humana.¹⁷ Ou seja, o fator reprodução (procriação baseada em princípios religiosos, de estabelecimento de descendência social) é um dos mais importantes para a discriminação relativamente inócua face ao amor entre mulheres, associado à recuperação da sexualidade feminina lésbica como uma forma de fantasia erótica masculina.¹⁸ “Existe actualmente uma recuperação da homossexualidade feminina para o prazer masculino, na comercialização de filmes eróticos e, num nível inferior, pornográficos” (Lago e Paramelle, 1978, p. 44).

¹⁰ Apesar do autor ter uma visão preconceituosa do tema, associando a homossexualidade a desvios, a práticas ilícitas, em conexão com termos como promiscuidade, prostituição, roubos, suicídios, e justificando seu posicionamento através de obtidos, relatos de pacientes e dos escândalos sexuais de sua época, apoiando-se também em textos bíblicos e do Alcorão, achamos significativo o seu estudo, tendo em vista o detalhamento do contexto histórico e social em relação ao homossexualismo, o que nos proporciona uma visão macro da temática, bem como informação de caráter cronológico.

¹¹ Já a partir da Idade Contemporânea (1789), o autor destaca a França como país europeu onde é mais patente a visibilidade homossexual.

¹² Segundo D'Aguiar, até mesmo na Igreja Católica os Papas João XII(955 a 963) e Benedito IX (1033 e 1045) foram dados a “práticas sexuais anti-naturais” (129).

¹³ Desde as ordenações afonsinas, passando pelas manuelinas e filipinas, o castigo era ser queimado, sendo que na manuelina acrescenta-se a confiscação dos bens, mesmo se o acusado(a) tivesse descendentes. As ordenações filipinas também absolveram outra componente da manuelina neste assunto: aqueles que dessem a conhecer a prática homossexual e fosse julgado verdade, além de atender aos “princípios religiosos”, ainda receberiam o benefício, a terça parte dos bens do culpado. Havendo apenas uma ressalva para aqueles que delatassem o seu cúmplice, facilitando a prisão (1926, p.191).

¹⁴ Conferir com o Código Penal desta época, nos seus artigos 390, 391, 395, 398 e 399.

¹⁵ Lembremos que as primeiras leis repressivas na Europa contra o lesbianismo ocorreram em 1270, no código civil da cidade de Orlean.

¹⁶ Segundo D'Aguiar houve alguns casos relatados em Lisboa que o marido heterossexual, exercendo a sua autoridade sobre sua esposa, obriga-a a prestar-se a “actos de sodomia” com outra mulher (p. 30), mostrando que tal prática permeia o universo fetichista heterossexual masculino.

¹⁷ Segundo o autor, as lésbicas têm tendências a procriação quase idênticas às heterossexuais, o que não aconteceria com os homens, já que apenas 27% são pais, contra 60% do hétero-masculino (cf. 2008, p. 22).

¹⁸ Num inquérito público feito pela revista *Le Nouvel Observateur*, sobre os filmes eróticos e pornográficos, constatou-se que a maioria dos homens interrogados revelaram que as cenas que lhes davam mais prazer eram a masturbação do sexo feminino, ou o acto de duas mulheres entre si (apud Lago e Paramelle, 1978, p. 167).

É preciso lembrarmos que a primeira referência ao lesbianismo na literatura portuguesa data do século XIII, no Cancioneiro Português da Vaticana,¹⁹ e é atribuída a Afonso Eanes de Coton: trata-se de uma cantiga de maldizer dedicada a “Mari’Mateu”, na qual é relatada a má sorte sexual que passa o “eu” masculino, diferentemente de uma soldada “mulher e lésbica”, a Maria Mateus, que consegue ser tão ou mais desejosa de “cono com’eu”, tudo dentro de um discurso satírico que descreve, de forma caricatural, o desejo incontrolável desta “Maria”, inferiorizando-a e marginalizando-a.

Com Judith Teixeira,²⁰ surge na literatura portuguesa uma obra de temática lésbica, na qual esse lesbianismo não tem uma representação grotesca. A poetisa mostra-se precursora e adepta do discurso sáfico do homoerotismo. Tanto Safo como Judith apresentam um discurso feminino no qual o prazer que é dado às mulheres não vem do fal(a) masculino, mas dos contatos (corporais e mentais) dos semelhantes femininos, que descobrem o prazer na sua própria feminilidade e concebendo o gênero feminino (inferior para sociedade) como de valor absoluto, numa relação de identidade/alteridade recíproca. De certa forma, esta escrita reflete um pouco o contexto do começo do século XX,²¹ quando a mulher descobre a ausência de limites ao prazer físico e passa a exibi-lo. Para Anne Higonnet (cf. 1990, p. 407), essas tentativas de renovação representativa e visual do corpo feminino desembocam numa consciência de que o erotismo pode transformar-se em pornografia. Seria essa a nova maneira de exploração masculina do corpo feminino? O certo é que as novas

possibilidades da descoberta do prazer feminino despertam nos homens um certo desconforto:

A par das razões estritamente anatómicas que têm as mulheres para o acto do amor, cresce nos homens um receio de que as mulheres desatem a procurar, na companhia de outras mulheres, relações completas e realmente humanas. A promoção do orgasmo clitoridiano constitui uma ameaça para a instituição heterossexual. Mostra que o prazer sexual pode ser atingindo, quer com homens, quer com mulheres; fará da heterossexualidade, não um absoluto, mas uma opção. Toda a questão das relações sexuais humanas pode ser colocada para além do presente sistema feminino-masculino. (KOEDT, 1975, p. 45)

O que fica claro é que Judith Teixeira vive numa época de mudanças dos paradigmas sociais²² impostos às mulheres, mas, mesmo assim, não consegue fugir do generalizado conservadorismo público, que vai repudiar sua obra (*Decadência*), juntamente com as de Raul Leal (*Sodoma Divinizada*) e António Botto (*Canções*), em 1923, por apresentarem uma literatura homossexual,²³ sendo seus livros queimados em praça pública dando início a mais uma polémica na literatura portuguesa. Essa polémica, é preciso frisar, é a mais indigesta no meio literário e acadêmico português: obras literárias baseadas no discurso homoerótico masculino/feminino²⁴ vêm chocar drasticamente um país católico como Portugal. Mas, afinal, como é que, em termos literários, as duas poéticas, grega e lusitana, se identificam e se distanciam?

¹⁹ Na edição de Teófilo Braga (1878) é a canção de número 1115.

²⁰ Nasceu em 25 de Janeiro de 1880, em Viseu, estreando-se na literatura aos 43 anos e encerrando sua carreira aos 47 anos de idade. Morreu em Lisboa, em 17 de Maio de 1959, óbito que foi registrado, por falta de testemunhos, pelo seu vizinho de prédio, já que ela faleceu viúva, sem deixar herdeiros, sem legar bens ou testamento.

²¹ É também no começo do século XX que Freud, no texto intitulado “Recordações da infância de Leonardo da Vinci” (1910), se refere pela primeira vez ao narcisismo relacionando-o com a homossexualidade, ao afirmar que o sujeito tornaria o seu corpo como objeto de amor/desejo, antes de passar à escolha de um objeto diferente do seu.

²² Jacqueline Costa-Lascoux acredita que as novas possibilidades trazidas neste século foram desenvolvidas pela ciência, porque, quando a mulher constata que não pode ou não quer ter filhos, ou quando casais homossexuais pedem não só o direito à adoção, mas à inseminação. Isto articula uma das primeiras quebras dos paradigmas da dominação masculina, ocorridas com o desenvolvimento da biologia (e do seu espaço de abertura sobre a ética, consignéado pela bioética), como agente transformador da condição da mulher: “ao situar o debate sobre a procriação e o papel da mulher na transmissão da vida, a pluralidade dos possíveis despedaçou a ordem patriarcal, para que renascessem a interiorização sobre os valores.” (1990, p. 656).

²³ Convirá esclarecer os seguintes tópicos em relação ao que se chama de homoerotismo literário ou literatura homossexual: (i) Há autores que necessariamente não são ou não se assumem publicamente homossexuais e que abordam, não como fonte temática principal de suas obras, assuntos relacionados a questões referentes a este tipo de orientação sexual. Basta citarmos Mário de Sá-Carneiro, cuja obra que às vezes

apresenta um semblante homoerótico. Outro exemplo é o da escritora Inês Pedrosa que, na obra *Nas tuas Mãos*, nos apresenta dois personagens homossexuais (António e Pedro) que condicionam atitudes da personagem principal, Jenny. (ii) Outros autores há que, mesmo se assumindo ou tendo uma postura homossexuais, a sua obra não gira exclusivamente em torno de questões homoeróticas ou não têm como fonte principal esta temática – será o caso de, por exemplo, Raul de Carvalho em algumas de suas poesias. Ou de Oscar Wilde, tocando nela de maneira indireta, como no *Retrato de Dorian Gray*. (iii) Autores que se assumem publicamente homossexuais e escrevem especificamente ou maioritariamente para o público gay. Esses autores e suas obras estão sendo resgatados e procuram o seu lugar na academia através de uma corrente dos *Cultural Studies*, corrente que reivindica o lugar no cânone de escritores marginalizados. Citamos, por exemplo, o escritor brasileiro João Silvério Trevisan, com as obras *Seis balas num buraco* e *Devassos no Paraíso*.

²⁴ Afirma René Garay sobre o lesbianismo da autora: “Judith Teixeira era mulher, inteligente e provavelmente amara ‘saficamente’ outras mulheres (em corpo e/ou espírito), o que era mais que suficiente para a sua condenação no contexto sexista, homofóbico e socialmente subdesenvolvido da vida europeia de princípios do século XX.” (2002, p.70). Não temos intenção e não achamos proveitoso concluir sobre as reais orientações sexuais da poetisa, mesmo existindo vários escritos afirmando o seu lesbianismo; consideramos que tais conclusões podem condicionar a recepção de sua obra, mais do que é já condicionada, a limites temáticos e até depreciativos. Encaramos a temática do homoerotismo em Judith Teixeira como uma das múltiplas formas de expressão poética da artista.

3 Releituras: Safo e Judith

Notamos que, no diálogo implícito entre as poéticas de Safo²⁵ e de Judith, se pode apontar uma certa forma de intertextualidade, estabelecida sobretudo com um dos poemas mais completos que nos chegou da poetisa grega, uma ode à Afrodite. Tal ode de Safo manifesta, em tom de súplica, a lamentação por sofrimentos causados pelo amor. Só à imortal Afrodite é possível fazer tal invocação, procurando a cura para as chagas do seu coração: “Mais uma vez te imploro [...] que desejo tentava o meu coração”²⁶ (p. 23). Essa súplica ao divino é baseada na rememoração dos sentimentos e das imagens amorosas: “Breves, outrora, ó Feliz, aqui estavam”. Há um jogo de vozes neste poema: o “eu” lírico interpela Afrodite, que prontamente lhe responde:

Que te aflige? O que é
Que deseja esse coração inquieto?
É a minha magia que buscas?
Quem desejas que minha sedução deponha em
[teus braços?
Quem te atormenta, Safo? (p. 23)

Safo inova a poesia ao introduzir vozes polifônicas (o “eu” e o “tu” dialogam nos seus poemas). Já no poema “A Estátua”,²⁷ da poetisa portuguesa, há também vozes polifônicas e a construção de um “eu” e de um “tu” que desencadeará, como em Safo, muitas interpelações do “eu” lírico a si mesmo: é ao “outro”, como objeto de desejo, ou como temática para o seu discurso, que são dirigidas as invocações, tal como acontece também na poesia de Safo: “O teu corpo branco e esguio/prende todo o meu sentido”(p. 25). No discurso deste poema, o “Tu-feminino” é comparado a uma “Vénus sensual”, é Afrodite em forma humana que desperta os desejos mais íntimos, uma “febre dum delírio”, desencadeando a pulsão erótica através de uma confissão atormentada: “Sinto rumores duma convulsão”. Assim, Afrodite renasce através de uma projeção na pessoa amada, através de um desejo que consegue espriar “os gestos que sonhei”. Porém, por estar inserida em outro contexto histórico, Judith Teixeira

não teve como burlar a voz do seu super ego e credita a “Vénus sensual” como um “pecado imortal”. Por mais que tentasse, através de sua arte e da referência “pagã”, estar além do seu contexto histórico, a poetisa revela-se, mesmo por antífrase, presa à cartilha moralizante de uma sociedade fortemente marcada pelo cristianismo.

Notam-se também, em outros fragmentos da poesia de Safo, mais uma vez, as limitações do amor humano e do desejo carnal como destaque discursivo: (i) assusta-a a aproximação masculina de uma das suas amadas (“Mais verde que uma erva”); (ii) aflige-a o silêncio e a friidez amorosa (“Vergonha”); (iii) concebe os males da idade como impedimento amoroso (“Idade”); (iv) exalta o enlace matrimonial feliz como dádiva de Afrodite (“Os esposos”); (v) estão presentes referências religiosas quase sempre dedicadas a Afrodite (“Quem tece”, “Adónis”, “Final”) e (vi) são aclamados o matrimônio e a união heterossexual (“Ao noivo”, “Os esposos”). De Safo é também a famosa “Kalokagathia”, em que, caso precursor na poesia grega da sua época, há uma explícita reflexão em torno do conceito do belo, associando-o inextricavelmente ao desejo, como se infere de “belo é o que se ama”. Efectivamente, *Kalon* (traduzido impropriamente por belo, e mais aproximadamente por “agradável”) é desde cedo na Grécia associado à sensorialidade e às aparências. Não constituindo, até tarde, nem um tema da reflexão filosófica ou poética (com a exceção de Safo), nem um conceito autónomo, o belo surge, pois, em Safo precocemente associado ao Eros, intimamente vinculado à irresistibilidade da sedução, exercida sobre o sujeito pelo objecto que o seu desejo embeleza (cf. ECO, 2004, p. 37-47).

Recordemos, ainda que, tal como acontece em Safo, nos poemas de Judith Teixeira o discurso exprime não apenas o desejo pelo “eu” feminino, mas por um “Tu-amante-masculino”, tal como acontece nos poemas “O meu chinês” e “Horas sensuais”. Já no poema “Flores de Cactus”, a natureza serve como termo de comparação para seus desejos mais íntimos, talvez porque o elemento natural – a flor – dispõe de atributos comparáveis aos femininos:

Eu gosto desta flor pagã
e sensual,
que num místico ritual
se entrega toda aberta
aos beijos fulvos do sol!(p.39)

A canônica metáfora floral do feminino tinge-se, aqui, de alguma androginia erótica: espinhosa porque flor do cacto, mas femininamente rubra e escancarada numa oferenda “pagã” ao sol que a beija. Semelhantes imagens – recorrentes, também, na sua contemporânea Florbela, identicamente permeável à atmosfera decadentista –

²⁵ Gostaríamos de fazer alusão a uma certa invisibilidade da autoria feminina em Portugal. Na obra de referência *Estudos da História da cultura clássica I/ Cultura Grega*, de Maria Helena da Rocha Pereira, Safo é citada esparsamente, apenas em três menções e de maneira muito vaga.

²⁶ Usamos a tradução bilingue de Pedro Alvim, *Líricas em fragmentos*, da editora Vega de 1991. Iremos indicar também, entre parênteses, no corpo do texto, a página dos poemas citados.

²⁷ Utilizaremos como referência a obra *Poemas*, Lisboa, Edição & etc, 1996, com prefácio de V.S.T. e “Scriptorium” de Maria Jorge, que contém, além das obras compiladas pela autora *Decadência, Castelo de sombras, Nua – poemas de Bizâncio*; contém também dispersos e a conferência intitulada *De mim-Conferência em que se explicam as minhas razões sobre a Vida, sobre a Estética e sobre a Moral*. Iremos indicar também, entre parênteses, no corpo do texto, a página dos poemas citados.

manifestam, assim, a tendência transgressiva da poética de Judith. A ruptura, mais ou menos ostensiva, com a repressão anti-sensorial da moral cristã é construída, em muitos dos seus poemas, sobretudo na obra *Decadência*,²⁸ através da referência ao paladar: as estrofes giram em torno do significante “beijo”, provocador de sinestias e agenciador da fusão erótica. Na sua reversibilidade, o significante “beijo” serve de dispositivo para o jogo de sedução e auto-sedução representado pela voz poética, simbolizando o êxtase e a noite voluptuosa. O paladar associado à expressão sensual é identificado com os sentidos/sentimentos do “eu” lírico: “Foi um beijo doloroso” (“Perfis Decadentes”, p. 38-40); “Que doloroso e cálido sabor” (“Ressurgimentos”, p. 41); “as rosas encarnadas/que morrem esfarrapadas/na fúria dos meus beijos” (“Rosas vermelhas”, p. 48-49); “os meus magiados beijos” (“Ao espelho”, p. 50-53); “A tua boca/taça misteriosa” (“O teu perfil”, 58-59). A temática do “sabor do amor” predomina em *Decadência*. Aliás, o compromisso de erotizar em Judith Teixeira é associado à realidade histórica imposta às mulheres no meio português seu contemporâneo. O prazer é associado irremediavelmente à dor e ao pecado, na intuição de um eros tingido de sadomasoquismo:

Só existe a Dor!
Nada mais subsiste,
– mesmo o prazer
E a sensualidade
Só na Dor existe” (*O outro*, p. 45-46)

Pensamos que, em Safo, a ausência de tais associações se deve, sobretudo, ao paganismo livre da censura judaico-cristã. Sem o pesar na consciência, pôde Safo cantar o prazer desprovido da vigilância da autoridade paternal. Essa associação feita no poema entre a dor (maiusculada) e o prazer (minusculado) pode assim refletir os preconceitos que rodeiam um estilo de vida condenável na sociedade portuguesa. Para além da descrição da paixão feminina (um discurso amoroso e saudoso de traços marcadamente homo(lesbo)eróticos), percebe-se na poética de Judith o peso cultural das condicionantes epocais temporais em que ocorre. Este peso manifesta-se pela interiorização do castigo, da auto-punição e da ameaça:

Destruí a paixão ... sensualizei a Dor
– fiquei, silenciosa e só, vendo passar
os tristes funerais do meu perdido amor...
Hoje tenho desejos confusos, internos...
ódios dentro de mim, fúrias a estrebuchar –
e torturadas ânsias, abrem-me os infernos! (p. 67)

Podemos resumir assim a poética de Judith Teixeira: o discurso erotizado, não apenas o lésbico, predomina em

Decadência (1923); já em *Castelo de Sombras* (1923) há impressões sobre o amor – que não tem necessariamente a identificação como o sáfico; o discurso erótico é mitigado, associado ou transformado em amargura, angústia, frustração, inconformismo e dor profunda: seja a do enfrentamento com a realidade, seja o da saudade amorosa, não forçosamente lésbica. Todavia, porque o seu primeiro livro toca esta temática tão polémica, a autora carrega em si mesma a marca homoerótica quando se fala de sua literatura. Em *Nua/Poemas de Bizâncio* (1926), a temática homoerótica ressurgiu mais comedida, através de um coquetismo que canta o amor abrasador, o idílico, o nostálgico, o acalentador, o desiludido. Já na obra *Satânia*, contos de 1927, a temática lésbica não aparece. Notemos que, tanto em *Nua/Poemas de Bizâncio*, como em *Satânia*, ficamos a saber de mais três obras que estariam no prelo e nunca foram publicadas:²⁹ *Labaredas* (drama em 3 atos, prosa); *Taça de Brasas* (versos) e dois livros de contos intitulados *Sulcos* e *Novelas*. O que se sabe é que tais obras nunca vieram a público. Tais manuscritos ter-se-iam perdido, podendo deduzir-se que, possivelmente, os editores tiveram relutância em publicar tais textos, devido ao estigma que a escritora carregou depois de sua primeira obra. É justamente o seu lugar no cânone e na História da Literatura Portuguesa aquilo que Martim de Gouveia e Sousa reivindica:

Saída do estigma originário e resistente a cânones, moralidades e estéticas, Judith Teixeira e a sua obra constituem hoje exemplo e subtil recurso de insubmissão feminina [...] Se a literatura é, em simultâneo, inscrição e transgressão, impossível é reservar para Judith Teixeira silêncios e meros lugares paratextuais. (2009, p. 54)

Por fim, ficamos a conhecer, através de uma conferência intitulada *De Mim*, o quanto a autora defendia o seu ponto de vista enquanto artista, já que para ela a arte não poderia ser moldada pelos preconceitos da sociedade; defendendo-se dos seus opositores, o seu único fito fora fazer arte sem contemplações de ordem moral, apenas a razão lúcida da beleza associada à grande

²⁸ A crítica Maria Lúcia Dal Farra diz acerca de *Decadência* que esta obra consegue englobar uma série de facetas, apontando os vários recursos estilístico e temática de Judith, demonstrando os valores de sua poesia: “Os poemas de *Decadência* contêm, na sua maioria, um fundo decadentista, como o próprio título parece aludir. Eles se valem de um décor próprio de sedas, coxins, flores, tapeçarias, quadros, refolhos, espelhos, fausto oriental, estofos, painéis, mármore, vitrais, enfim, de um espaço de alcova, de intimidade, de fechamento, de calidez artificial, de fuga à luz, ao sol e à natureza. Nesse espaço rarefeito imperam as fantasias eróticas, o tédio, reflexos de narcisismo, máscaras, sentimentos bizarros e uma população excêntrica de ciganas, anões, estátuas, sultões, gênios do mal, perversões, taras, desejos confusos, labirintos, sonhos, tudo isso reunido em dispersão e em fragmentos” (2007, p. 161-162).

²⁹ Lembremos que Judith Teixeira publicou, entre 1918 e 1938, sob o pseudónimo de Lena de Valois.

porção de luxúria, típica dos verdadeiros artistas: “Não deve haver limites na concepção do artista. Mas sim liberdade máxima!” (p. 209). Por fim, a autora reconstrói, através do poema “A minha Amante”, o entendimento que o seu contexto histórico tem do amor sáfico (que, como vimos através da história da homossexualidade na Europa, sempre foi mais permissivo do que em relação ao amor entre homens, por não impedir a procriação e a continuidade familiar e por fazer parte do universo fetichista masculino). Expor-se, como o fez Judith Teixeira, ofenderia decerto os discursos hipócritas que não aceitavam tal exposição pública por parte de uma escritora que tinha apenas a intenção de produzir uma literatura alheia aos ditames sociais: “Ela, que tinha sido a única mulher a integrar a vanguarda portuguesa: ela, a única poetisa portuguesa modernista, aquela que afirmara o seu direito à Luxúria como expressão da sua sinceridade artística” (DAL FARRA, 2007, p. 180). Por isso, mesmo sendo uma “poeta” modernista, Judith Teixeira percebeu que, no seu contexto histórico, isso lhe estaria vedado: não lhe seria possível torna-se a “Safo” portuguesa. Por isso diz o seu “eu” lírico, na descoberta amarga de tal enfrentamento com sua realidade:

Não entendem dos meus amores contigo –
 não entendem deste luar de beijos ...
 – Há quem lhe chame a tara perversa,
 dum ser destrambelhado e sensual!
 chamam-te o génio do mal –
 o meu castigo ...
 E eu em sombras alheio-me dispersa... (p. 43)

Referências

- COSTA-LASCOUX, Jacqueline. Procriação e bioética. In: *História das mulheres no Ocidente, O século XX*. Trad. De Alberto Couto e Maria Manuela Ferreira da Silva. Rev. da tradução Maria Helena da Cruz Coelho, Irene Maria Vaquinhas, Leontina Ventura e Guilermina Mota. Porto: Afrontamento, 1990. v. V. p. 637-657.
- CURTIUS, Ernst Robert. *La Littérature européenne et le Moyen-âge latin*. Paris: PUF Agora, 1982.
- DAL FARRA, Maria Lúcia. Gilka Machado e Judith Teixeira: o maldito no feminino. In: *Boletim*, Araraquara: UNESP/Centro de Estudos Portugueses Jorge de Sena, ano XV, n. 25, p. 157-186, jan./dez. 2007.
- D’ÁGUIAR, Asdrúbal António. *Evolução da pederastia e do lesbianismo na Europa: contribuição para o estudo da inversão sexual*. Separata do arquivo da Universidade de Lisboa. Lisboa: Universidade de Lisboa, 1926. v. XI.
- ECO, Umberto (Dir.). *História da Beleza*. Lisboa: Difel, 2004.
- FIQUEIREDO, Stéphanie Alves Monteiro da Silva de. *Eles e elas: a construção identitária do género: uma análise em sociolinguística*. Dissertação (Mestrado) – Universidade Católica Portuguesa, Viseu, 2004.
- FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade – O uso dos prazeres*. Trad. Manuel Alberto. Lisboa: Relógio d’água, 1994. v. II.
- GARAY, René P. *Judith Teixeira: o modernismo sáfico português*. Prefácio de Teresa Maria Carrilho. Lisboa: Universitária Editora, 2002.
- HIGGONET, Anne. Mulheres, imagens e representação. In *História das Mulheres no Ocidente, O século XX*. Trad. José S. Ribeiro. Revisão da trad. Maria Helena da Cruz Coelho, Irene Maria Vaquinhas, Leontina Ventura e Guilermina Mota. Porto: Afrontamento, 1990. v. V. p. 403-427.
- KOEDT, Anne. O mito do orgasmo vaginal. In: *Mulher, ser humano*. Trad. de Manuela de Q. Madureira. Lisboa: Delfos, 1975. p. 33-48.
- LIMA, Luís Côrrea. Diversidade sexual e Igreja, um diálogo possível. Entrevista especial com Luís Corrêa Lim. In: *Uol-Amai-vos Inteligência e amor*. Disponível em: <http://amaivos.uol.com.br/amaivos09/noticia/noticia.asp?cod_canal=41&cod_noticia=17321>. Acesso em: 1 abr. 2011.
- MOSSÉ, Claude. Safo de Lesbos. In: DUBY, Georges (introdução e organização). *Amor e sexualidade no Ocidente*. Trad. de Ana Paula Faria. Lisboa: Teorema, 1998. p. 49-58.
- PEREIRA, Maria Helena da Rocha. *Estudos da História da cultura clássica I/Cultura Grega*. 7.ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1993.
- PRADA, José Rafael. *A homossexualidade: perspectivas científicas e religiosas*. Trad. João Pereira. Vila Nova de Gaia: Editorial Perpétuo Socorro, 2008.
- PINTO, Clara. *A mulher e o amor no Egipto Antigo: senhora da casa e senhora do amor*. Lisboa: Campo da Comunicação, 2007.
- SAFO. *Líricas em fragmentos*. Ed. bilingue com tradução de Pedro Alvim. Desenhos de Luís Alves da Costa. Lisboa: Veja, 1991.
- SARTRE, Maurice. A homossexualidade na Grécia antiga. In: DUBY, Georges (introdução e organização). *Amor e sexualidade no Ocidente*. Trad. de Ana Paula Faria. Lisboa: Teorema, 1998. p. 59-75.
- SALLES, Catherine. As prostitutas de Roma. In: DUBY, Georges (introdução e organização). *Amor e sexualidade no Ocidente*. Trad. de Ana Paula Faria. Lisboa: Teorema, 1998. p. 87-104.
- SOUSA, Martim de Gouveia. Lesbianismo e interditos em Judith Teixeira. In: *Forma Breve 7: Homografias – Literatura e homoerotismo*. Aveiro: Universidade de Aveiro, 2009. p. 47-61.
- TEIXEIRA, Judith. *Poemas*. Lisboa: Edição & etc, 1996.
- VEYNE, Paul. A homossexualidade em Roma. In: DUBY, Georges (introdução e organização). *Amor e sexualidade no Ocidente*. Trad. de Ana Paula Faria. Lisboa, Teorema, 1998. p. 77-86.

Recebido: 15 de maio 2011
 Aprovado: 30 de maio 2011
 Contato: allvv@uevora.pt